

ANC 88  
Pasta 01 a 07  
Abril/87  
089

anc p 11

Wilson Figueiredo

5 ABR 1987

## Dia do Saio

JORNAL DO BRASIL

**S**E é verdade — verossímil é, sem dúvida — que o presidente Sarney daria o seu reino por um Ibope, a questão principal é essa, e tudo mais se cogita em pura perda. O mais longo caminho para Sarney voltar ao galarim das pesquisas de opinião dá uma volta de seis anos pela moratória, entra na recessão e sai na inflação. O atalho direto para a popularidade faz a volta por cima do otimismo oficial e lhe oferece a liderança, órfã de pai e mãe, dessa vontade geral de eleger um Presidente da República. Um ao menos, para matar a saudade.

Quem em melhor posição que Sarney para presentear o povo com as diretas-logo-de-uma-vez, antes que algum aventureiro (leia-se, com olhos de PMDB, Leonel Brizola) comece a pedi-las em praça pública? Honestamente, ninguém.

Não custaria ao presidente mais do que um pedacinho do seu precioso mandato: se andar depressa, basta dispor de um terço; mas, se hesitar, acabará tendo que se contentar com a metade. E olhe lá. Há coerência em admitir que Sarney possa tomar esse rumo: foi por iniciativa dele que, no comecinho da nova república, acertou-se que será direta a próxima sucessão presidencial. Pagou o principal, mas ficou devendo os juros. Pode, perfeitamente, antecipar a data e liquidar a fatura.

Para esquentar um assunto que a nova república estriou, Brizola fingiu despejar a panela fervendo em cima dos candidatos do PMDB mergulhados em banho-maria. Gente grávida naturalmente desconfia do pessoal miúdo na questão de voto difeio. Tem lá as suas razões. Brizola então recolheu o material de cozinha, e não mais se falou a respeito. Só agora o assunto volta, pela mão da falta de popularidade por um lado e, do

outro, por um capricho de soberania constituinte. É a vez de Sarney, que não terá outra tão favorável. É tratar de aproveitá-la.

A Constituinte — fora de dúvida — prorromperá em frenéticos aplausos, quando nada para relançar um verbo em desuso, se Sarney souber sair-se bem. E, para não ficar atrás, o Congresso igualmente reunirá os seus — por acaso os mesmos — noutra sessão de explosivo civismo e árdega retórica a favor.

“Digo ao povo que saio logo” — proclamará em mensagem especial aos dois, Constituinte e Congresso — o presidente Sarney. Ninguém mais deveria nada a ninguém. É a moratória ampla, geral, irrestrita. A desaparecida popularidade daria a volta por cima do cruzado e rodaria em praça pública a sua baiana, para afrontar as pesquisas magras que deprimiram o ânimo presidencial.

Quem diria, o comandante vitorioso na batalha do Congresso, aquele que bateu as tropas de Dante de Oliveira, Ulysses Guimarães, Tancredo Neves e outros menos trombeteados, a 25 de janeiro de 1984, finalmente faria o ato de contrição cívica. A popularidade vale o gesto de bater no peito. Sarney não tinha força para virar sozinho aquela pesada página da nossa história. Foi ajudado, mas quem comandou a derrota das diretas-já foi ele. Ao fundo, é verdade, moviam-se as tropas propriamente ditas.

Grande e efêmero triunfo. A solução histórica bateu à porta da frente e, sendo impedida por Sarney, deu a volta e entrou mesmo pelos fundos. Na confusão, o comandante em pessoa saiu pela porta dos fundos e entrou de novo pela da frente. Coisas da política.

Desde então, Sarney carrega o fardo moral de uma vitória arrependida. Rumava cabisbaixo para o seu ostracismo e, quando outra vez deu por si, estava assumindo nova dívida ao se candidatar a vice na chapa da oposição. Foi um exercício de meia-volta, volver. E venceu. Os juros, porém, ficaram insupportáveis, quando teve de assumir a presidência pela impossibilidade de que o eleito o fizesse. O paciente credor das duas dívidas, o mesmo cidadão de quarenta anos para baixo, nunca votou para Presidente da República. Já era tempo de receber um gesto de satisfação.

Enquanto a popularidade esteve ao seu lado, foi fácil, fácil a Sarney juntar os juros ao principal, e rolar. Não pela dívida, que aumenta, mas pela popularidade que foi lá embaixo, o presidente demonstra tanta ansiedade por aplausos (até em pesquisa de opinião), que é um caso clínico mais para Freud que para Maquiavel.

Consideremos, num plano superior, que Sarney reformou o título de sua responsabilidade, com o aval dos pródigos liberais, ao sair (não seria entrar?) candidato contra o regime a que servia tão bem. Digamos que não tenha pago nem os juros morais, que são os únicos cobráveis nesse tipo de operação. Ora, Sarney não tomou carona na chapa de Tancredo Neves por apego à vitória, mas para esquecer e ser esquecido. No entanto, venceu e sucedeu a um presidente que não chegou a tomar posse. Coisas da política.

O sentimento presidencial de culpa agrava-se com a inadimplência: pagou o principal, que nada lhe custou ao mandato, com moeda do público, mas atrasa o serviço da dívida por seis anos de mandato. E veio rolando a dívida até as pesquisas romperem com ele. Era tarde. Já estava dependendo da popularidade em altas doses semanais. Terminal embora, a

Constituinte é um grupo de risco soberano, ao menos para Sarney. E se ela lançar a derrama?

A melhor solução política ainda é jogar tudo para o espaço e transformar a dívida em capital de giro. Tudo ou nada. Como? Simplesmente interpretando a vontade geral, antes que outro o faça. “Digo ao povo que saio” — é uma boa, mesmo que não saia logo, não se trata de tirar o pai da força, e para não parecer medo. Quanto mais cedo, melhor. Verá o presidente que Ibope é ópio de burocratas, inebriantes realmente são aplausos ao vivo.

Que perderia Sarney por abrir mão de três anos que não lhe pertencem? Ficaria com três, que também não. O mandato de seis foi confeccionado sob medida para aquele Figueiredo que entrou e não para o que saiu. Dois dos seis que foram parar nas mãos de Sarney já se foram. Os constituintes estão de olho gordo em dois outros. Os dois que sobram podem dar azar. Melhor três na mão que seis voando.

Sarney ia ver o que é popularidade — e democrática, ainda por cima. Meteria a mão no bolso e pagaria de uma vez a conta pendurada atrás da porta da história. E — *last but not least* — gentilmente pouparia a Leonel Brizola a canseira de palmilhar o Brasil inteiro a pé, e a nós, cidadãos, o tempo de ouvi-lo pedindo diretas em discursos, sem a menor garantia de se saber quando terminariam.

Não há alternativa: é gravar pela manhã e convocar para a noite a transmissão, em rede nacional de TV, de jaquetão e tudo: “Brasileiras e brasileiros, como é para o bem de todos e felicidade geral, não mando dizer — eu mesmo digo ao povo que saio.” O Dia do Saio entraria para o nosso calendário cívico, e o presidente Sarney, para a História propriamente dita.